

Scalabrini e a Comunhão

Aquilo que fascina em Scalabrini é a sua capacidade de traduzir as idéias pastorais em gestos concretos, que envolvem todo o ser cristão desde o início até o fim da jornada e da vida, exatamente como o seu modelo, São Carlos Borromeo. Capilaridade: eis um dos aspectos salientes de sua pastoral.



Scalabrini e as devoções ao SS. Sacramento

Aquilo que fascina em Scalabrini é a sua capacidade de traduzir as idéias pastorais em gestos concretos, que envolvem todo o ser cristão desde o início até o fim da jornada e da vida, exatamente como o seu modelo, São Carlos Borromeo. Capilaridade: eis um dos aspectos salientes de sua pastoral. Imaginou todos os meios para uma preparação adequada das crianças à comunhão, recomendou também a freqüência cotidiana a ela; difundiu a prática das Quarenta Horas, e a partir do novo século organizou a adoração perpétua (...); obteve o mesmo também dos sacerdotes para a adoração noturna. Retomou as Confrarias do SS. Sacramento. Renovou também os sinais externos do culto eucarístico, consagrando mais de duzentas igrejas, prescrevendo que os altares do Santíssimo fossem de mármore, os cálices ao menos de prata dourada, os paramentos adornados. Retomou a prática das procissões eucarísticas de Corpus Christi e as procissões paroquiais mensais (...). O monumento de sua piedade eucarística foi o terceiro Sínodo (...); escrito pessoalmente, é (...) uma extensão do culto eucarístico em todos os aspectos da vida do sacerdote e do fiel e, ao mesmo tempo, um exemplo da energia e do entusiasmo "do Servo de Deus".

Devemos recordar também a instituição da Obra dos Tabernáculos, a fundação das Irmãs Sacramentinas Surdo-mudas, agregadas às Filhas de Santana, o apoio dado a várias iniciativas de sacerdotes piacentinos, como os Paggi do SS. Sacramento, a Associação dos Guardas de Honra, a Liga para a Missa Festiva.. "O principal impulso à piedade eucarística veio do seu exemplo" (Francesconi).

Os textos antologizados foram tirados da Carta Pastoral de 1902 (cfr. Dépliant n. 2)

Comunhão freqüente e diária

O trecho antológico trata da comunhão freqüente, senão cotidiana, com aquela abertura que preludia já a Pio X (ao qual Scalabrini enviou as Atas do Sínodo Eucarístico). A comunhão não é um prêmio, mas uma necessidade. E para ter acesso a ela, basta estar na graça de Deus, sem exigir uma "extraordinária pureza de pensamento". Os adjetivos com que vem estigmatizado o rigorismo jansenista: piedade árida e gelada"; "doutrina avara e feroz" exprimem bem ao contrário a postura de Scalabrini com relação ao "memorial de todas as maravilhas de um Deus bom e misericordioso".

Esta prática da comunhão freqüente e as motivações teológicas e pastorais que a sustentam, tinham já sido legisladas desde o primeiro Sínodo de 1879 (pg. 65-70).

Pretende-se sublinhar que a Eucaristia para Scalabrini não traz só vantagens pessoais, mas também sociais: e não só aos cristãos, mas também a todo "convívio civil".

As palavras do segundo parágrafo são um autêntico hino à comunhão, isto é, àquela união com Deus "elevada a mais sublime potência" que cristifica ("cristianiza") a nossa pessoa. O "santo doutor" a quem se refere é São Francisco de Sales.

O fruto da comunhão sacramental e ainda mais os atos preparatórios e de agradecimento, são aspectos característicos da espiritualidade Scalabriniana. Veja ainda Francesconi, vida, pg. 368-370.

"Mas a devoção eucarística exige muito mais. Ela requer que em cada paróquia um número considerável de pessoas comungue mais vezes ao mês; outras mais vezes à semana; outras, enfim, todos os dias. Onde



falta essa freqüência, também a parte mais essencial do cristianismo, pouco a pouco enfraquece e diminui, porque não teve vida. A comunhão é fonte da qual a alma extrai a água, que conduz à vida eterna; é o lugar onde se cicatrizam as nossas feridas; é o princípio e o fim da união com Deus, elevada a mais sublime potência e conduzida ao último grau de perfeição, na ordem presente. De fato, se na Encarnação o Verbo de Deus uniu-se pessoalmente à natureza humana, na comunhão se une ainda mais à nossa personalidade. De tal maneira, Ele diviniza a nossa essência, cristianiza o nosso ser individual e sua união conosco, tem por símbolo aquela que transforma o alimento na substância do corpo que o nutre. Por isso, os que comungam, como deixou escrito um santo doutor: têm Jesus na mente, no coração, no peito, nos olhos, na língua. O Salvador endireita, purifica, vivifica tudo. Ele ama com o coração, entende com a mente, infunde vigor no peito, vê com os olhos, fala através da língua e movimenta todas as outras faculdades. Ele opera tudo em todos e estes não vivem mais para si mesmos, mas é o Verbo de Deus que vive neles e fixa às suas ações, metas mais nobres e elevadas e motivos mais puros e mais perfeitos.

Como podeis ver, ó diletíssimos, além dessa união não há senão o céu. E, por isso, quando a substância divina se une a nossa, se Deus transformasse, na mesma proporção a nossa inteligência na sua, a nossa vontade no seu amor, nós, então, o veremos com a clara visão e o amaremos com o amor dos beatos. Ora, o que é isso senão a vida eterna?

Mas tais são os frutos da comunhão, o que dizer daqueles confessores e diretores espirituais, os quais, ao invés de exortar os fiéis a freqüentá-la, possivelmente todos os dias, os desaconselham dela, sob pretexto de zelar a honra e a reverência para com Jesus Sacramentado.

Efeito esse de uma piedade mal entendida, árida e gelada. Estes, contrários, sem querer, aos mistérios do amor divino, porque talvez ainda absorvidos por uma doutrina avara, hipócrita e feroz, não poderiam melhor sustentar os papéis de satanás na perdição das almas. Não, não é este o exemplo que nos deixaram os primeiros cristãos, os quais, todo dia se alimentavam com o pão eucarístico; não é esta a doutrina do Concílio Tridentino e do Catecismo Romano; não é isto que nos ensinam os mais eminentes padres, doutores e teólogos da Igreja Católica. Sirva para todos a autoridade de um Santo Agostinho que disse: "Este é o pão cotidiano: recebe-o todo dia para que te ajude todo dia". Não é isto finalmente o que deseja o divino Mestre, o qual do solene banquete, que representa a eucaristia e de que se fala no evangelho, ninguém foi expulso, exceto aquele que ousou entrar sem veste nupcial, quer dizer, sem a graça. Um cristão adornado com a graça santificante, embora tenha imperfeições e caia em faltas veniais é, todavia, filho de Deus, herdeiro do paraíso e, portanto, digno de aproximar-se também, cotidianamente, do grande banquete que Jesus Cristo preparou em sua Igreja: participa do mesmo, com fervor sempre crescente e com maior desejo de retornar. Por que então se deverá exigir dos fiéis uma extraordinária pureza de pensamento, de coração e de obras, antes de admiti-los a tal banquete? A melhor disposição para aproximar-se dignamente da Eucaristia, não é exatamente a comunhão freqüente?

Óh! se todos tivessem bem elevado o conceito da beleza e da nobreza de uma alma na graça, certamente a nossa comunhão freqüente não tardaria acontecer com incalculável benefício para o povo cristão e para o próprio convívio civil.

Comungai, direi agora a vós todos, ó diletíssimos filhos, comungai com freqüência e encontrareis o que necessitais. Se precisais de ajuda, Jesus é a força; se temeis a morte, ele é a vida; se desejais o céu, Ele é o caminho que vos conduz; se fugis das trevas, Ele é a luz; se buscais o vosso alimento, Ele é o pão vivo; provai, portanto, quanto é doce o Senhor. Mas no que depender de vós conduza uma vida tal para que mereçais receber todo dia a santa Eucaristia. Aproximai-vos de Jesus com pureza de pensamento, com pureza de coração, de corpo e com o firme propósito de não ofendê-Lo nunca mais. Exercitai-vos a atos vivos de fé, de humildade, de esperança, de amor, antes de recebê-Lo no vosso coração e após recebê-Lo permaneçais por longo tempo com Ele, agradecendo-O por tanto benefício. Então, tenho certeza, partireis da mesa eucarística sempre melhores e mais dispostos e prontos a caminhar nas pegadas do bom Pastor, até as eternas pastagens".

Mostrai com os fatos

*O fragmento é uma exortação aos seus sacerdotes para uma renovada **devotio** eucarística. Note-se ainda como nesta devoção esteja (como já vimos no "dépliant n° 2") "o piedoso moto do coração" (O santuário, o altar, o tabernáculo, o que vos dizem? Que impressões vos causam?, etc.) e a firme vontade de sacrificar-se por Jesus. Isso resulta o perfil do sacerdote scalabriniano como de "um homem que vive, trabalha, se sacrifica por Jesus sacramentado, única meta de todas as suas aspirações!". A sua sólida piedade, mas também terna e afetuosa feita de gestos, de pensamentos, de traços gentis que chegam até as flores, aos perfumes e ao decoro, encontra a sua consagração nas próprias palavras por ele usadas que são a expressão de atitude esposal: "Freqüentemente*

vossa língua **fale** d'Ele, por Ele **suspire** o vosso coração. Não passe uma hora do dia, sem que O tenhais lembrado com **carinho** e **reconhecimento**". E no último adjetivo, evidenciado por nós, surge mais uma vez a natureza particular da piedade scalabriniana como foi visto no "Dépliant n° 2".



"Em suma, veneráveis irmãos, se desejais verdadeiramente vivenciar a devoção eucarística em vossas paróquias, mostrai com fatos que vós a tendes radicada profundamente no coração. Vossa devoção interior e exterior proceda de uma fé viva e de um sincero amor a Jesus, hóstia divina.

Entretanto, a fé, freqüentemente, é lânguida e, muitas vezes, depois de tantos anos de sacerdócio, não se ama ainda o divino Mestre ou Ele é amado com um amor sem vida. Apesar disso, o verdadeiro sacerdote é o homem que vive, trabalha e se sacrifica por Jesus Sacramentado, única meta de todas as suas aspirações! Sois assim? O santuário, o altar, o tabernáculo, o que vos dizem? Que impressões vos causam? Depois de ter recebido o Corpo e o Sangue de Jesus, dizia São Vicente de Paulo, aos seus padres, não sentis acender o coração de fogo divino? Pois bem, este fogo, que ardia vivíssimo no peito daquele humilde sacerdote, herói da caridade cristã, devora também o vosso ou ele permanece frio, gelado? ... Como podeis ter zelo para inspirar aos outros uma devoção, a mil milhas, longe de vós? Suplico-vos, se não vos sentis chamados a uma vida profundamente interior e de elevada contemplação, ficai todavia com Jesus sacramentado no ser e no agir, sozinhos e em público, agora e sempre. Freqüentemente vossa língua fale d'Ele, por Ele suspire o vosso coração. Não passe uma hora do dia, sem que O tenhais lembrado com carinho e reconhecimento. Considerem ditas a vós mesmos aquelas palavras que São Lourenço Giustiniani dirigia ao sacerdote em geral: "Aproxime-se à tribuna do altar como o Cristo, assista como um anjo, aja como um santo; ofereça as orações do povo como um sacerdote, interpele pela paz como um mediador e reze para si como um homem".

A prática da Missa cotidiana

*Scalabrini tem o sentido dos valores e a Missa é o vértice. Ele escutava, possivelmente, a missa todos os dias, além de, naturalmente, celebrá-la. "Celebro e escuto a S. Missa. Deo Gratias!" (Do Diário de bordo). O pensamento: "Fazê-la celebrar ao menos uma vez por ano" é tirado da Imitação de Cristo, IV, I, 13. Foi já visto (Dépliant n° 2) que a **devotio** eucarística scalabriniana respira aquela espiritualidade.*

"Por isso, se é coisa santa promover com procissões e outras solenidades o culto eucarístico, não é talvez mais belo e necessário estabelecer e difundir nos povos a prática de assistir ao divino sacrifício, não só nas festas, mas também nos outros dias? Se no tempo da Igreja primitiva nem mesmo os editos dos Césares e os furores das perseguições, nunca puderam impedir os cristãos de recolherem-se nas catacumbas para participar à imolação incruenta dos nossos altares. Por que, hoje, não se saberá interromper as ordinárias ocupações uma meia hora para empregá-la ao mesmo nobre e santíssimo propósito? Se não fosse celebrada mais do que uma missa ao ano e em um só lugar da terra, quem não se sentiria feliz de poder assistir ao menos uma durante a vida? E porque Jesus se imola todo dia e em todo lugar, permaneceréis vós frios e indiferentes? Esta, ó irmãos caríssimos, seria a pior das ingratidões. Seja, portanto, vosso compromisso de tomar parte em tão augusto mistério com aquela franqueza ao menos que vos será concedida pelas ocupações de vosso estado; e para assisti-la com aqueles sentimentos de fé, de humildade, de esperança, de compunção e de amor com que teríeis assistido ao grande sacrifício do Calvário, servi-vos das orações que os sagrados Pastores da região emiliana publicaram para este fim.

Fazei, pois, que na vossa paróquia surja aquela associação de fiéis, já existente em alguns lugares da diocese, que se propôs exatamente a intervir, possivelmente, cada dia à missa. Não é possível dizer o bem que fareis. Do mistério da fé virá nos indivíduos e nas famílias o despertar daquela fé, sem a qual é impossível agradar a Deus; do mistério do amor aquele reacender da caridade, que é o vínculo da perfeição; do mistério do sacrifício a vida prática cristã, que não busca as coisas para si próprio, mas que tem o pensamento unicamente nas coisas do céu (...).

Graças te sejam dadas, ó Jesus bom, o Pastor eterno, que nós, pobres e exilados, dignastes sustentar com o teu Corpo e com o teu Sangue precioso, convidando-nos, aliás, com as tuas próprias palavras: "Vinde a mim, ó vós todos que estais cansados e oprimidos e eu vos darei descanso". (da: *Imitação de Cristo*, IV, I, 13).

* Livre tradução de Ivo Prati, da coleção de folder: Beato João Batista Scalabrini: bispo e fundador.